

# O “CHOQUE DA DURA REALIDADE” E OS SABERES PEDAGÓGICOS QUE ENVOLVEM A PRÁXIS DOS INTÉRPRETES EDUCACIONAIS

*THE ‘SHOCK OF HARSH REALITY’ AND THE PEDAGOGICAL KNOWLEDGE INVOLVED IN THE PRAXIS OF EDUCATIONAL INTERPRETERS*

**Jonas Bento de Godoi**

Mestre em Educação pelo PPGE – FAED/UDESC  
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0744064672984652>  
E-mail: [jonas.godoi@muz.ifsuldeminas.edu.br](mailto:jonas.godoi@muz.ifsuldeminas.edu.br)

**Lourival José Martins Filho**

Pós-Doutor em Educação e Humanidades pela PUC/PR  
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2491699071811572>  
E-mail: [lourivalfaed@gmail.com](mailto:lourivalfaed@gmail.com)

**Rogers Rocha**

Pós-Doutor em Letras pela UFPEL  
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7440486299240908>  
E-mail: [rogers.rocha89@gmail.com](mailto:rogers.rocha89@gmail.com)

**Leonardo Padilha dos Santos**

Doutorando em Educação pelo PPGE – FAED/UDESC  
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1763134292556163>  
E-mail: [leopadilha@delles.ufc.br](mailto:leopadilha@delles.ufc.br)

**Resumo:** Este artigo é parte de uma dissertação de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Educação da FAED/UDESC, buscou analisar os saberes docentes e pedagógicos mobilizados pelos intérpretes educacionais (IEs) nos anos finais do ensino fundamental do Colégio de Aplicação da UFSC entre 2021 e 2023. Com abordagem qualitativa, utiliza a Análise Textual Discursiva (ATD) e entrevistas semiestruturadas com três IEs, identificados como IE-X, IE-Y e IE-Z. Os resultados apontam que, ao ingressarem na sala de aula, esses profissionais enfrentam desafios e o “choque da dura realidade”, desmistificando a ideia de neutralidade e desenvolvendo um papel pedagógico. A pesquisa evidencia a necessidade de reformulação da formação dos tradutores/intérpretes de língua de sinais/português (TILSP), uma vez que a maioria atua no ensino básico. Destaca-se a importância de formações continuadas e especializações voltadas para esse contexto, bem como da valorização da identidade profissional dos IEs, visando fortalecer a educação inclusiva e a mediação do ensino de estudantes surdos.

**Palavras-chave:** Intérprete educacional; saberes pedagógicos; formação docente; discentes surdos.

**Abstract:** This article is part of a master’s dissertation from the Graduate Program in Education at FAED/UDESC. It aimed to analyze the teaching and pedagogical knowledge mobilized by educational interpreters (EIs) in the final years of elementary education at the UFSC Laboratory School between 2021 and 2023. Using a qualitative approach, the study employs Discursive Textual Analysis (DTA) and semi-structured interviews with three EIs, identified as EI-X, EI-Y, and EI-Z. The results show that upon entering the classroom, these professionals face challenges and experience the “shock of harsh reality,” demystifying the idea of neutrality and developing a pedagogical role. The research highlights the need to reform the training of sign language/Portuguese translators and interpreters (TILSP), since most work in basic education. It emphasizes the importance of continuing education and specialized training for this context, as well as the recognition and strengthening of the professional identity of EIs to enhance inclusive education and the mediation of deaf students’ learning processes.

**Keywords:** Educational interpreter; pedagogical knowledge; teacher training; deaf students.

## A Atuação dos Intérpretes Educacionais: Saberes Pedagógicos e Desafios na Educação Básica

Os profissionais Tradutores/Intérpretes de Língua de Sinais/Português (TILSP) que atuam no contexto educacional, seja na Educação Infantil, no Ensino Fundamental (anos iniciais e finais), no Ensino Médio ou no Ensino Superior, são denominados Intérpretes Educacionais (IEs). Segundo Lacerda (2019, p. 37), “o termo Intérprete Educacional é usado em muitos países (EUA, Canadá, Austrália, entre outros), para aquele que atua na educação em sala de aula”. Essa nomenclatura é defendida por Santos, Lisbão e Lacerda (2016) e Rocha (2022), pois diferencia os IEs dos TILSP, cuja atuação é mais ampla e generalista<sup>1</sup>. Para esses autores, referir-se aos profissionais da educação como Intérpretes Educacionais (IEs) “marca a identidade” profissional, pois “[...] além do processo tradutor, nas práticas educacionais, e que, devido a isso, constitui habilidades e conhecimentos específicos a serem desenvolvidos nesse espaço” (Santos; Lisbão; Lacerda, 2016, p. 150).

Dessa forma, é essencial que os intérpretes que desejam atuar na área educacional avaliem a compatibilidade de seu perfil com as demandas da função, estando conscientes dos desafios que enfrentarão. Essa reflexão envolve ponderar sobre “[...] quais os desafios de uma prática interpretativa para surdos no cenário da inclusão? Quais parcerias e posições assumidas por professores e intérpretes, na cena educativa, ao mediarem o conhecimento para alunos surdos?” (Gesser, 2015, p. 537). Lacerda (2019) complementa que, devido à escassez de cursos superiores voltados para a formação de TILSP, esses profissionais desenvolvem suas competências principalmente por meio da prática. Nesse sentido, sua formação como Intérpretes Educacionais (IEs) ocorre a partir dos saberes experienciais adquiridos ao longo da trajetória profissional (Rocha, 2022).

Embora muitas ações ainda precisam ser implementadas para que as escolas regulares inclusivas estejam preparadas para receber não apenas os discentes surdos, mas também os intérpretes educacionais (IEs), é essencial considerar a participação desses profissionais nos processos de ensino e aprendizagem desses estudantes (Santos; Lacerda, 2015). Rocha (2022) destaca que o curso superior de bacharelado em Letras-Libras tem um papel fundamental na formação de profissionais habilitados em tradução e interpretação, pois é nele que os acadêmicos se aprofundam nos saberes linguísticos da língua de sinais, bem como nos conhecimentos tradutórios e interpretativos. No entanto, a autora ressalta que esse curso tem um caráter generalista e que tanto os TILSP quanto os IEs possuem competências específicas para suas atuações. No caso dos IEs, seus saberes se assemelham aos dos docentes, uma vez que estão diretamente inseridos no contexto educacional e desenvolvem conhecimentos específicos a partir dessa vivência. Nesse sentido, compartilham entre si aprendizados durante os planejamentos, na preparação das aulas e na rotina escolar, dividindo o espaço da sala de aula e assumindo conjuntamente a responsabilidade pelo ensino e pelo acompanhamento da aprendizagem dos estudantes. Assim, é inegável que haja uma constante troca de saberes entre IEs e docentes.

O cenário educativo é permeado por inúmeros desafios, e profissionais inexperientes podem enfrentar o que se denomina “choque da dura realidade”<sup>2</sup>, além de complexidades, angústias e incertezas no início da atuação profissional. Entretanto, ao longo da experiência, esses profissionais vão adquirindo saberes pedagógicos que auxiliam suas práticas cotidianas. Diante dessa problemática, foi desenvolvida uma pesquisa de mestrado em educação em uma universidade do sul do Brasil<sup>3</sup>, com o objetivo de analisar os saberes utilizados pelos IEs para atuar nos anos finais do ensino fundamental do Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Santa Catarina (CA/UFSC) entre 2021 e 2023<sup>4</sup>. A pesquisa contou com a participação de três profissionais IEs atuantes nesse

1 Os egressos do curso superior de Bacharelado em Letras-Libras têm liberdade para escolher suas áreas de atuação. Em outras palavras, podem atuar em diferentes contextos, mas não são especialistas, dependendo apenas da compatibilidade e afinidade com a área escolhida.

2 Termo utilizado por Tardif (2008). Refere-se ao processo impactante que atravessa os profissionais recém-formados ao se depararem com a realidade da sala de aula.

3 Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE), do Centro de Ciências Humanas e da Educação (FAED), da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). Disponível em: <https://www.udesc.br/faed/ppge>. Acesso em: 21 maio 2024.

4 O Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Santa Catarina (CA/UFSC) é uma escola regular inclusiva que

segmento, que tiveram suas identidades preservadas por meio das classificações: IE-X (gênero feminino e raça preta), IE-Y (gênero feminino e raça branca) e IE-Z (gênero masculino e raça parda)<sup>5</sup>.

## Procedimentos Metodológicos

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, cuja coleta de dados foi realizada por meio de entrevistas discursivas com perguntas semiestruturadas/abertas. De acordo com Prodanov e Freitas (2013), a entrevista discursiva é uma técnica essencial para a obtenção de dados primários, atribuindo grande importância à descrição verbal dos informantes. Segundo Duarte (2004, p. 2015), “entrevistas são fundamentais quando se precisa/deseja mapear práticas [...] em que os conflitos e as contradições não estejam claramente explicitados”.

Para a análise dos dados coletados, utilizou-se o método da análise textual discursiva (ATD). Segundo Moraes (2003), essa abordagem qualitativa permite examinar os elementos linguísticos e discursivos presentes nas entrevistas, revelando informações sobre estratégias comunicativas, atitudes e intenções dos entrevistados. O autor destaca que a ATD auxilia na compreensão dos discursos, permitindo alcançar um nível de interpretação que vai além de uma simples leitura e observação. Para Moraes (2006, p. 118), “a análise textual discursiva é uma abordagem de análise de dados que [...] são a análise de conteúdo e a análise de discurso”. Após a coleta dos dados, seguiu-se o processo de análise textual discursiva, que envolve cinco pilares procedimentais: desconstrução do corpus, unitarização, categorização, descrição e argumentação/interpretação (Moraes, 1999, 2003).

Um dos saberes identificados pelo pesquisador a partir das respostas dos participantes foi “o choque da dura realidade e os saberes pedagógicos que circundam a práxis dos IEs”. Com base na pesquisa de mestrado desenvolvida, este artigo tem como objetivo compreender como os IEs lidaram com o “choque da dura realidade” ao iniciarem suas práticas no âmbito educacional, bem como analisar de que forma foram se apropriando dos saberes pedagógicos por meio de suas experiências cotidianas em sala de aula. Assim, convidamos os interessados a se aprofundarem nos conteúdos deste estudo.

## Saberes Docentes e Pedagógicos Envolto na Práxis dos Intérpretes Educacionais

Assim como os professores, os intérpretes educacionais (IEs) também são profissionais “ensinantes” e compartilham a responsabilidade pelo processo de ensino e aprendizagem dos discentes surdos. Quando atuam de forma colaborativa, podem desenvolver um trabalho mais eficiente e preciso. Para um bom desempenho de suas funções, esses profissionais acumulam e adquirem, ao longo de sua trajetória, diversos saberes. Embora possuam atribuições distintas, os saberes dos professores e dos IEs se assemelham, pois ambos atuam exclusivamente no contexto educacional (Rocha, 2022).

Segundo Rocha (2022), os TILSP e os IEs possuem competências específicas para suas respectivas atuações, mas os saberes adquiridos pelos IEs são análogos aos dos docentes, uma vez que resultam da experiência cotidiana no ambiente escolar. Nesse sentido, professores e IEs compartilham conhecimentos durante os planejamentos e na preparação das aulas, dividem o espaço da sala de aula e têm a responsabilidade de educar e discutir o desenvolvimento da aprendizagem dos estudantes. Dessa forma, é inegável a troca contínua de saberes entre esses profissionais. A partir disso, discute-se, a seguir, os saberes docentes e pedagógicos que permeiam a atuação dos professores e que, conseqüentemente, também se relacionam à atuação dos IEs.

Os saberes docentes e pedagógicos são considerados virtudes que tanto docentes quanto IEs

---

abarca os segmentos: Ensino Fundamental (anos iniciais e anos finais) e Ensino Médio, e corresponde ao Centro de Educação (CED/UFSC). Disponível em: <https://www.ca.ufsc.br/>. Acesso em: 21 maio 2024.

5 Pesquisa submetida à Plataforma Brasil e aprovada pelo Comitê de Ética e Pesquisa (CEP) da UDESC. CAAE: 70217523.3.0000.0118. Número do parecer: 6.195.086.

desenvolvem e aprimoram ao longo de sua prática profissional. Tardif (2008) define os saberes como um conjunto de conhecimentos, saber-fazer, competências, habilidades e experiências adquiridas pelos professores, as quais são empregadas diariamente em sala de aula e no ambiente escolar. Para Saviani (1996), os saberes são responsáveis por “de-terminar significa de-finir, delimitar, dar contorno a, circunscrever, configurar [a atuação dos docentes] [...]” (p. 145).

No entanto, os saberes docentes e pedagógicos de um profissional estão diretamente ligados à sua vivência, formação e ambiente de trabalho, reafirmando que “[...] o saber é sempre o saber de alguém que trabalha com alguma coisa no intuito de realizar um objetivo qualquer” (Tardif, 2008, p. 11). Esses saberes são fundamentais para os profissionais da educação, pois moldam e transformam o educador. Assim, a partir dos saberes adquiridos, o docente compreende melhor o ato de ensinar e o propósito da educação (Saviani, 1996).

Os saberes docentes e pedagógicos vão além dos conhecimentos adquiridos na academia, pois englobam tanto os conteúdos específicos de cada componente curricular quanto às reflexões sobre como ensinar e interpretar de maneira eficaz, considerando as necessidades e particularidades de cada estudante. No caso dos estudantes surdos, é essencial levar em conta sua especificidade linguística. Além disso, é fundamental compreender que

[...] o saber não é uma coisa que flutua no espaço: o saber dos professores é o saber deles e está relacionado com a pessoa e a identidade deles, com a sua experiência de vida e com a sua história profissional, com as suas relações com os alunos em sala de aula e com os outros atores escolares na escola, etc. Por isso, é necessário estudá-lo relacionando-o com esses elementos constitutivos do trabalho docente (Tardif, 2008, p. 11).

Nesta concepção, Saviani (1996) complementa que “[...] os saberes que determinam a formação do educador são, por certo, aqueles saberes que correspondem à natureza própria da educação, sendo, portanto, por ela determinados” (Idem, 1996, p. 146).

Para estabelecer um processo contínuo de aprimoramento na prática docente, professores e intérpretes educacionais (IEs) devem se questionar constantemente, pois, à medida que encontram respostas para esses questionamentos, seus saberes são desenvolvidos e refinados. Reflexões como: “o que é ensinar? Quais são os saberes, as habilidades e as atitudes mobilizados na ação pedagógica? O que deveria saber todo aquele que planeja exercer esse ofício?” (Gauthier, 2013, p. 18) tornam-se essenciais nesse percurso.

Embora os saberes possam ser adquiridos, aprimorados, categorizados e compreendidos, cada profissional os constrói de maneira singular. Tanto professores quanto IEs são agentes ativos em sua atuação, moldando suas práticas conforme seus valores, experiências e concepções de mundo. Pimenta (2005) destaca que a identidade profissional se constrói “[...] à medida que a pessoa se vê e se percebe em relação à sua profissão, às suas práticas, aos valores e às crenças que a sustentam” (p. 19).

A identidade profissional, portanto, é influenciada por diversos fatores, como valores pessoais, experiências de vida, ambiente de trabalho, interações culturais e participação ativa na sociedade. Com o passar do tempo e a ampliação de suas experiências, docentes e IEs consolidam suas identidades “[...] pelo fazer contínuo, dia após dia, ano após ano, com variadas turmas e, muitas vezes, ambientes escolares” (Grützmann, 2019, p. 16). Dessa forma, compreendem mais profundamente o significado de “ser” docente e “ser” IE, conhecendo-se melhor tanto profissional quanto pessoalmente, além de aperfeiçoarem suas habilidades, conhecimentos e perspectivas ocupacionais.

Tardif (2008) enfatiza que os saberes são socialmente construídos, influenciados pelos contextos de vivência, especialmente no ambiente educacional, sendo transmitidos “[...] de uma formação, de programas, de práticas coletivas, de disciplinas escolares, de uma pedagogia institucionalizada, etc., e são também, ao mesmo tempo, os saberes dele” (p. 16). Os conhecimentos e habilidades dos docentes e dos IEs são moldados por fatores compartilhados entre eles, uma vez que professores possuem formações semelhantes e estão inseridos em um mesmo contexto

educacional. Do mesmo modo, os IEs também compartilham experiências e desafios comuns, o que permite que “[...] as representações ou práticas de um professor específico, por mais originais que sejam, ganhem sentido somente quando colocadas em destaque em relação a essa situação coletiva de trabalho” (Tardif, 2008, p. 12).

À medida que o processo educativo se desenvolve e os resultados da aprendizagem se tornam perceptíveis nos estudantes, os saberes passam a ser validados, pois o trabalho educativo gera impactos positivos. Nesse momento, o educador reconhece quais conhecimentos deve dominar para aprimorar sua prática (Saviani, 1996).

Tardif (2008) ressalta ainda que os saberes podem ser adquiridos e desenvolvidos ao longo do tempo por meio de diferentes experiências e interações com a sociedade. Esses saberes são influenciados pela formação acadêmica, pela prática docente, pela colaboração com colegas, pelas interações com os estudantes e suas famílias, bem como por sindicatos, associações profissionais, grupos científicos e outras instâncias. Por isso, ao discutir sobre os saberes dos professores e dos IEs, “[...] é necessário levar em consideração o que eles nos dizem a respeito de suas relações sociais com esses grupos, instâncias, organizações, etc.” (Tardif, 2008, p. 19).

Nesse contexto, a mobilização desses saberes envolve a experiência, o “protagonismo docente” e a percepção dos professores e IEs como responsáveis pelo desenvolvimento de suas próprias identidades profissionais. Esse processo tem início na formação acadêmica e se consolida ao longo da trajetória profissional, por meio do relacionamento entre instituições de educação básica e ensino superior, assegurando a contínua qualificação desses profissionais (Souza; Martins Filho, 2017).

Portanto, esses saberes desempenham um papel fundamental na atuação dos professores em sala de aula, pois se entrelaçam com os conhecimentos pedagógicos e práticos, possibilitando um ensino mais eficaz e adequado às necessidades dos estudantes (Tardif, 2008). Os saberes pedagógicos, por exemplo, permitem aos profissionais interações mais significativas com seus alunos, favorecendo um ensino-aprendizagem mais eficiente (Pimenta, 2005).

Por fim, reconhecer e valorizar a dimensão social dos saberes docentes e dos IEs fortalece a construção de uma educação mais inclusiva e contextualizada. A atuação desses profissionais não se restringe à aplicação de conhecimentos preestabelecidos, mas envolve um papel ativo no processo de aprendizagem dos estudantes, o que demanda um repertório diverso de saberes, consolidado a partir da prática e da experiência.

## O “Choque da Dura Realidade” e os Saberes Pedagógicos que Circundam a Práxis dos IEs

**Figura 1.** O “choque da dura realidade” e os saberes pedagógicos que circundam a práxis dos IEs



**Fonte:** Elaboração própria do autor (2024).

Uma vez formados e inseridos nas instituições educacionais, os profissionais da educação passam pela fase inicial da docência, período marcado por angústias e incertezas. Souza e Martins Filho (2017) atestam que “[...] existe um distanciamento entre o que é propagado nos cursos de formação docente [neste caso dos IEs também] e os efeitos no cotidiano educacional [...]” (p. 41). Por esse motivo, tanto docentes quanto intérpretes educacionais (IEs) enfrentam o chamado “choque da dura realidade”, pois muitas questões que surgem na prática não são trabalhadas na formação profissional, e os saberes adquiridos até então nem sempre são suficientes para lidar com essas situações. Assim, esses profissionais iniciam sua trajetória repletos de expectativas e entusiasmo, mas podem se deparar com inúmeras adversidades (Tardif, 2008).

Nas falas dos IEs, essas dificuldades tornam-se evidentes, especialmente em relação a aspectos que não foram abordados na formação, gerando questionamentos e surpresas ao ingressarem na sala de aula. Como destaca IE-Y: *“Quando a gente vai se colocar como intérprete é completamente diferente e são coisas que eu acho que eu só me dei conta quando eu cheguei aqui [...]”* (IE-Y). A profissional percebeu que o modelo de atuação e as responsabilidades dos IEs na escola são completamente diferentes das funções desempenhadas por um intérprete institucional, algo que ela só compreendeu ao começar a atuar na educação. Antes disso, sua visão sobre a função do intérprete em sala de aula era distinta: *“[...] essa visão do intérprete em sala de aula de que eu ia chegar e interpretar, assim como eu tinha a referência de estar dentro de sala no Letras Libras e ver os intérpretes só discorrendo o que o professor estava sinalizando, ou vice-versa. Isso aí! Foi por água abaixo, porque eu cheguei aqui e entendi que a minha atuação dentro de sala é outra [...]”* (IE-Y).

A IE-Y desabafa sobre a percepção que tinha da profissão com base nos intérpretes que atuavam nas aulas do seu curso de Letras Libras. No entanto, ao ingressar na sala de aula dos anos finais do ensino fundamental, compreendeu que sua atuação seria diferente. O IE-Z complementa essa reflexão ao afirmar: *“[...] quando você chega na sala de aula, você se depara, com outra situação totalmente diferente [...]”* (IE-Z). Ao comparar o aprendizado universitário com a realidade do ambiente escolar, percebeu um grande contraste, gerando um impacto inesperado ao lidar com situações desconhecidas na prática e na teoria. A IE-X conclui ao enfatizar a diferença entre os contextos de atuação: *“[...] nas videoaulas é mais fácil interpretar, a gente consegue ser paciente, na sala de aula é bem diferente, a gente tem todos outros ruídos, aí, a gente tem que ter um jogo de cintura [...]”* (IE-X). As vídeo aulas das disciplinas de laboratório oferecem um ambiente mais controlado, permitindo maior concentração. Já na sala de aula, a realidade é outra, exigindo dos intérpretes a capacidade de lidar com múltiplos estímulos e a necessidade constante de (re) adaptação.

Apesar dos desafios enfrentados no início da carreira, os três IEs demonstraram resiliência e encontraram formas de adaptação, sem manifestar desânimo ou arrependimento pela profissão. Isso se evidencia na fala de IE-Y: *“[...] eu entendi que a minha atuação dentro de sala é outra [...]”* (IE-Y). Com essa constatação, ela desmistificou a ideia inicial que tinha sobre o papel do intérprete e percebeu que sua atuação vai além de uma função técnica, assumindo uma dimensão pedagógica. Compreendeu, ainda, que sua responsabilidade é equivalente à do docente e que ambos devem trabalhar juntos para garantir o desempenho escolar do estudante surdo.

O IE-Z reforça essa percepção ao afirmar que, ao ingressar na profissão, encontrou uma *“[...] situação totalmente diferente [...]”* (IE-Z). A IE-X utiliza uma expressão coloquial ao relatar a necessidade de adaptação: *“tem que ter um jogo de cintura [...]”* (IE-X). Isso demonstra que atuar como intérprete em sala de aula exige flexibilidade para lidar com desafios pedagógicos e imprevistos. Essa capacidade de se ajustar continuamente ao contexto escolar, de enfrentar situações novas e inesperadas, caracteriza o processo de aquisição dos saberes pedagógicos.

A partir dessas dificuldades e do esforço para superá-las, novos saberes pedagógicos são desenvolvidos, aprimorando aqueles já adquiridos. Esses saberes são construídos diariamente no ambiente escolar, por meio da interação *“[...] com seus alunos, na sala de aula, no contexto da escola onde atua”* (Pimenta, 2005).

Para Souza (2009), as angústias e inseguranças vivenciadas pelos profissionais da educação tornam-se, muitas vezes, impulsionadoras do crescimento na profissão. No entanto, para que essa adaptação ocorra de forma positiva, é fundamental que esses profissionais contem com o apoio das

instituições de ensino em que trabalham, bem como das instituições onde se formaram.

Gauthier (2013) define os saberes adquiridos a partir da experiência prática como “saberes da ação pedagógica”, conhecimentos fundamentais para o exercício da docência e para a capacidade de adaptação em sala de aula, conforme destacado por IE-X ao mencionar a necessidade de um “*jogo de cintura*” (IE-X). Os saberes pedagógicos, além de serem essenciais para a prática educativa, funcionam como ferramentas que ajudam docentes e IEs a enfrentarem os “[...] problemas decorrentes da realidade profissional na tomada de decisão, na superação desses problemas e, sobretudo, na avaliação de suas consequências” (Souza; Martins Filho, 2015, p. 06). Dessa forma, esses saberes são elementos essenciais na construção da identidade profissional.

## Considerações Finais

A fase inicial da docência e da atuação como intérpretes educacionais (IEs) é marcada por angústias, incertezas e um impacto significativo ao se depararem com situações não previstas na formação acadêmica. No entanto, à medida que se adaptam à realidade escolar, esses profissionais aprendem a relacionar os conhecimentos adquiridos na universidade com as demandas práticas do ambiente educacional. Ao longo desse processo, desmistificam a ideia de que deveriam manter uma postura neutra e passam a compreender sua função pedagógica dentro da sala de aula, desenvolvendo estratégias para contribuir de maneira mais ativa no ensino e na aprendizagem dos estudantes surdos.

Os estudos sobre os saberes docentes e pedagógicos são amplos, assim como o número de teóricos que se dedicam à compreensão desse campo. O cotidiano dos profissionais da educação é repleto de desafios e estímulos, exigindo uma constante reconstrução do conhecimento para atender às necessidades de um ensino inclusivo e eficiente. No caso dos IEs, essa reconstrução se dá a partir das experiências vivenciadas no ambiente escolar e do compartilhamento de saberes com os docentes. A pesquisa realizada com os IEs atuantes no CA/UFSC evidenciou que, apesar dos desafios enfrentados, esses profissionais desenvolvem estratégias próprias para lidar com as adversidades e construir um trabalho colaborativo dentro da escola. No entanto, a realidade dos IEs no Brasil ainda é marcada por disparidades, pois muitos não tiveram a oportunidade de cursar o ensino superior ou se especializar na área. Além disso, o cenário do CA/UFSC não reflete necessariamente a realidade de todas as instituições, demonstrando que há um longo caminho a percorrer para garantir condições de trabalho adequadas e uma formação mais sólida para esses profissionais.

É impreterível que as instituições de ensino reavaliem o papel do IE dentro da escola, assegurando que ele tenha voz ativa nas discussões pedagógicas, especialmente em questões que envolvem as avaliações e o desenvolvimento dos discentes surdos. O trabalho do IE não deve ser visto como uma mera atividade de tradução, mas sim como parte fundamental do processo educativo, exigindo um alinhamento constante com os docentes. Nesse sentido, é necessário criar estratégias para fortalecer os laços profissionais entre professores e IEs, evitando distanciamentos e garantindo um trabalho verdadeiramente colaborativo, que tenha como foco o desenvolvimento educacional do mesmo estudante.

Além das mudanças institucionais, é fundamental que os cursos de formação de tradutores/intérpretes de língua de sinais/português (TILSP) repensem suas abordagens pedagógicas. Atualmente, a maioria desses profissionais acaba atuando na educação básica (anos iniciais e finais do ensino fundamental e ensino médio), mas muitas vezes chegam à escola sem o preparo necessário para enfrentar as especificidades desse contexto. Diante disso, torna-se urgente a criação de formações continuadas, cursos de extensão e especializações voltadas especificamente para a atuação dos IEs no ambiente educacional. Essas formações deveriam incluir orientações sobre a atuação em cada componente curricular, o trabalho com estudantes surdos atendidos pelo Atendimento Educacional Especializado (AEE), bem como o desenvolvimento de estratégias pedagógicas para mediar o ensino de forma mais eficiente.

Somente por meio de um esforço conjunto entre instituições de ensino, cursos de formação e políticas educacionais será possível fortalecer a identidade profissional dos IEs e garantir que sua atuação seja reconhecida e valorizada. A educação inclusiva exige um compromisso contínuo com

a formação e qualificação dos profissionais envolvidos, permitindo que tanto docentes quanto IEs possam exercer plenamente suas funções e contribuir para a aprendizagem efetiva dos estudantes surdos. Assim, repensar a formação, o papel e a valorização dos IEs não é apenas uma necessidade, mas um passo essencial para a construção de uma educação verdadeiramente acessível e equitativa.

## Referências

DUARTE, Rosália. **Entrevistas em pesquisas qualitativas**. Educar, Curitiba, n. 24, p. 213 – 225. Editora UFPR, 2004. <https://www.scielo.br/j/er/a/QPr8CLhy4XhdJsChj7YW7jh/abstract/?lang=pt> Acesso em: 20 mar. 2024.

GAUTHIER, Clermont. **Por uma teoria da pedagogia**: pesquisas contemporâneas sobre o saber docente. 3. ed. – Ijuí: Ed. Unijuí, 2013.

GESSER, Audrei. Interpretar ensinando e ensinar interpretando: posições assumidas no ato interpretativo em contexto de inclusão para surdos. **Cadernos de Tradução**, n. 2, p. 534-556, 2015. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=5280294> Acesso em: 17 maio 2024.

GRÜTZMANN, Thais Philipsen. Saberes docentes: um estudo a partir de Tardif e Borges. Universidade Federal da Paraíba. **Revista Temas em Educação**, v. 28, n. 3, 2019. Disponível em: <https://www.proquest.com/openview/93bfade1ff4261b38d51751646782a6f/1?pq-origsite=gscholar&cbl=4514812>. Acesso 15 maio 2024.

LACERDA, Cristina Broglia Feitosa de. **Intérprete de Libras em atuação na Educação Infantil e no Ensino Fundamental**. Porto Alegre. - 9. ed. Editora Mediação, 2019.

MORAES, Roque. Análise de conteúdo. **Revista Educação**. Porto Alegre, v. 22, n. 37, p. 7-32, 1999. Disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4125089/mod\\_resource/content/1/Roque-Moraes\\_Analise%20de%20conteudo-1999.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4125089/mod_resource/content/1/Roque-Moraes_Analise%20de%20conteudo-1999.pdf) Acesso em: 20 maio 2024.

MORAES, Roque. Uma tempestade de luz: A compreensão possibilitada pela análise textual discursiva. **Revista Ciência & Educação**, v. 9, n. 2, p. 191 – 211, 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ciedu/a/SJKF5m97DHykhL5pM5tXzdj/?format=pdf&lang=pt> Acesso em: 19 maio 2024.

MORAES, Roque. Análise textual discursiva: processo reconstrutivo de múltiplas faces. **Revista Ciência & Educação**, v. 12, n. 1, p. 117 – 128, 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ciedu/a/vvLhSxkz3JRgv3mcXHBWSXB/> Acesso em: 12 maio 2024.

PIMENTA, Selma Garrido (org.). **Saberes pedagógicos e atividade docente** – 4. ed. São Paulo: Cortez, 2005.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do Trabalho Científico: Métodos e Técnicas da Pesquisa e do Trabalho Acadêmico** - 2ª Edição. 2. ed. Novo Hamburgo: Editora Feevale, 2013. v.1. 276p.

SANTOS, Lara Ferreira dos; DE LACERDA, Cristina Broglia Feitosa. Atuação do intérprete educacional: parceria com professores e autoria. **Cadernos de Tradução**, n. 2, p. 505-533, 2015. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=5280309>. Acesso em: 20 maio de 2024.

SANTOS, Lara Ferreira dos; LISBÃO, Sarah Leite; LACERDA, Cristina Broglia Feitosa de. Práticas de interpretação no espaço educacional. In: LACERDA, Cristina Broglia Feitosa de; SANTOS, Lara Ferreira dos; MARTINS, Vanessa Regina de Oliveira. **Escola e Diferença: Caminhos para Educação Bilingue de Surdos**. 1ed. São Carlos: Edufscar, 2016, p. 5-241.

SAVIANI, Demerval. Os saberes implicados na formação do educador. In: BICUDO, M. A. V. e SILVA JÚNIOR, C. A. da. (orgs). **Formação do educador: dever do estado, tarefa da universidade**. São Paulo (1996), Editora da UNESP (Seminários e Debates).

SOUZA, Dulcinéia Beirigo de. Os dilemas do professor iniciante: reflexões sobre os cursos de formação inicial. **Revista multidisciplinar da UNIESP**, v. 8, p. 35-45, 2009. Disponível em: <https://docplayer.com.br/7820695-Os-dilemas-do-professor-iniciante-reflexoes-sobre-os-cursos-de-formacao-inicial.html>. Acesso em: 02 fev. 2024.

SOUZA, Alba Regina Battisti de; MARTINS FILHO, Lourival José. Formação docente e PIBID: interfaces e desafios. **Revista Cocar**, v. 9, n. 18, p. 211-232, 2015. Disponível em: <https://periodicos.uepa.br/index.php/cocar/article/view/711>. Acesso em: 17 fev. 2024.

SOUZA, Alba Regina Battisti de; MARTINS FILHO, Lourival José. Docência e formação de professores (as): Cenários e perspectivas. **Revista Apotheke**, v. 3, n. 1. 2017. Disponível em: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/apotheke/article/view/9088>. Acesso em 19 mar. 2024.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis – RJ, Vozes, 2008.

ROCHA, Rogers. **O Intérprete Educacional nas disciplinas de Língua Estrangeira no Ensino Fundamental**: cenários e perspectivas. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Educação, UDESC. 2022.

Recebido em 10 de abril de 2025  
Aceito em 13 de maio de 2025